

FABRIS, Annateresa. "O outro eu". In *CCSP- 91:Produções recentes*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 1992.

## O Outro Eu / Annateresa Fabris

A crença positivista da burguesia do século passado e a reflexão radical de Roland Barthes imbricam-se sutilmente em *A identidade em jogo*, cujo eixo central é a questão do retrato fotográfico como imagem de consumo. Da evidência, tão enfatizada pelos códigos sociais emerge a ficção do ser que posa diante do aparelho e que se transforma em imagem. Uma superfície ao mesmo tempo tênue e densa, na qual se inscreve a abdicação do sujeito à sua unicidade para converter-se em objeto, para submeter-se ao ciclo repetição/reprodução, territorial e espacialmente. Nada melhor para provar essa lógica produtiva, segundo a qual a identidade se atomiza na quantidade e obedece ao pressuposto tácito da repetição do ritual diante do aparelho, do que o material escolhido por Rosângela Rennó. A fotografia de identificação, produto coercitivo, mas do qual vastas camadas da sociedade encontram satisfeito o desejo de deixar a prova objetiva de sua existência, põe a nu o mecanismo intrínseco à imagem técnica, sua dupla filiação à esfera da verdade e àquela da ficção, pois dá vida a um verossímil ensaiado, ao paradoxo do Narciso despersonalizado.

Esse efeito de estranhamento é reforçado por Rosângela Rennó pelas várias manipulações a que se submete seu arquivo de imagens de consumo que acabam por potencializar a percepção do processo de geração / circulação de seus ícones. É significativo que, em alguns conjuntos, a fotografa explore diretamente o negativo, o outro lado da imagem dada a ver à sociedade, ora para obliterar sua visibilidade, ora para torná-la ainda mais evidente. Instaura-se deste modo, um jogo de remissões na qual identificação e desidentificação se perseguem ao infinito, se transformam num ponto de encontro entre o corpo e o fantasma, entre o real instaurado e a latência do real.

No outro grupo de trabalhos, Rosângela inverte essa lógica articuladora para concentrar-se na desconstrução da mística identidade e revelar o processo social que

a rege. Não é por acaso que o quebra-cabeças é o modo de formalização escolhido por ela : a imagem é construída aos poucos, por fragmentos para alcançar não o imprevisível, mas uma configuração predeterminada, na qual o jogo desvela sua estrutura de imprevisto controlado.

Ao explorar o estatuto social da fotografia, sua circulação e seu funcionamento no interior do Mercado de signos, o *objet trouvé* de *A identidade em jogo* evidencia a realidade precária da imagem, sua obviedade numa sociedade visualmente poluída, seu valor de troca. Não se detém, contudo, nessa primeira constatação, estabelecendo um jogo dialético entre a apropriação como distanciamento do sistema de arte e como participação imediata deste mesmo sistema. Enquanto *objet trouvé*, o retrato de identificação, justaposto e condensado ganha uma nova força semântica, um impacto em uma densidade visual que o faz transitar do insignificante ao significante.

A dimensão da citação, no qual se poderia pensar num primeiro momento revela sua verdadeira natureza de apropriação como processo que coloca em crise a noção de autoria, instaurando um mecanismo de distanciamento do sujeito e da subjetividade tradicionalmente atribuída a arte. Visto por este prisma, o ciclo repetição/reprodução, que rege o estatuto da imagem de consumo, ganha um novo significado se a ele aplicarmos uma reflexão de John Berger, que parece responder a proposta de Rosângela Rennó.

Se a reprodução de uma imagem, como afirma Berger, desencadeia um duplo movimento – remissão ao original e estabelecimento de um novo ponto de referência para outras imagens-, é realmente este processo fundamental de *A identidade em jogo*, sobretudo se lembrarmos que Rosângela Rennó opta por uma estrutura peculiar como a instalação. No espaço criado, necessariamente diferente do circuito convencional da imagem de consumo, Rosângela Rennó afirma seu fascínio pela IMAGEM, longe de toda a referência culturalista, de toda distinção qualitativa ou hierárquica. Seus ícones adquirem um poder transformador, pois a fotografa não os recebe mais como fontes de identidade/identificação, mas como integrantes de um processo de ficção e de distanciamento crítico e participativo ao mesmo tempo.